

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

**ASSIGNATURA**

54 réis a entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

**PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:**

Anno em 32 números, 2500 réis; Semestre em 16 números, de 1250 réis; Trimestre em 8 números 750 réis; avulso 60 réis.

— ANNO II — 21 DE JANEIRO DE 1883 — N.º 48 —

GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

**ASSIGNATURA**

**BRAZIL**

Anno em 32 números, 2500 réis; Semestre em 16 números 1250 réis; Trimestre em 8 números 750 réis; avulso 60 réis.

São agentes da empresa na Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

**SUMMARIO**

**GRAVURAS**— Em Anvers. Jan Klaas. A caridade. Os vampiros.

**TEXTO**— Actualidades, por Gervasio Lobato. As nossas gravuras, por Cunha Bellem e P. C. Livros e theatros, por Carlos de Moura Cabral. Um acto de desespero, por Julio de Magalhães. O commendador Mendoza, por D. João Valera.

**ACTUALIDADES**

Desabou o theatro da rua dos Condes. D'esta vez é que é certo, acabou-se para sempre com aquelle

Todos os annos—ha que tempos!—se fallava em que o theatro ia ser deitado abaixo, e nada de novo! sempre de pe!

Na epocha seguinte o theatro abria, os tyrannos

mães caídas grunhiam nos finais dos actos o *obrigado, meu Deus!* legendario; quando se aproximava o entrudo, os comparsas appareciam caracterisados de ministros nas Revistas apimentadas, quando



EM ANVERS

antigo templo da Arte, a que um jornal de 1846 chamava já o velho barracão da Rua dos Condes.

vomitavam patifarias collossaes sobre as pobres ingenuas magras e os gordos galans rhetoricos, as

a quaresma chegava choviam de todos os lados ameaças de quebras que nunca se realisavam.

Finalmente d'esta vez o theatro foi condemnado a serio, sem remissão.

Como aquelles patifes ativos dos dramalhões carancudos, que ao chegarem ao fim da peça eram fiados pela justiça de Deus, e dos dramaturgos, e fugiam á punição dos homens, pela porta do suicidio, o theatro da rua dos Condes executou-se n si proprio.

E um bello dia deixou-se cahir estatellado no chão, como um velho dromedario caçado.

Deus me livre de fazer aqui a historia d'esse mathusalém da arte dramatica, Deus me livre de remontar aos tempos da Zamparini, e de vir por ahí abaixo percorrendo o repertorio d'operas, de dramalhões, d'obras primas, de magicas e de revistas que constituiram a má vida secular, passar pelo Emilio Dour, atravessar o José Torres e chegar ao Salvador Marques.

Não temos nada com isso, não queremos saber da vida do theatro da Rua dos Condes que prende com a historia da nossa Arte, recordamos apenas hoje, aquella parte da sua vida que se prende á nossa vida.

Foi já ha um par d'annos. Representava-se ali uma magica qualquer de Sousa Bastos, uma d'essas magicas secundarias, feitas a correr para scenarios velhos, e visualidades de casa, que não despertam grandes famas das magicas gloriosas como a *Pera de Satanaz*, a *Loteria do Diabo*, a *Gata Borralheira*, mas que conseguem o seu fim: dar que fazer algumas noites ao camaroteiro do theatro.

N'esse tempo começava eu com Salvador Marques, Sousa Bastos, e Pedro Vidocira a pensar na creação d'um jornal de theatros, *O Contemporaneo*, um jornal que depois de certas hesitações fez vida larga e longa, e já deu filhos—os *Perfis artisticos*, um bello jornal filiado na mesma idéa.

Uma noite fui á Rua dos Condes ver uma d'essas magicas.

Ri como ha muito tempo não tinha rido nem tornei a rir em theatro: francamente, sinceramente.

A magica não era uma obra prima, com certeza, mas tinha uma graça, singela, despretençiosa, espontanea, que não era muito nova ás vezes, mas fazia sempre rir, e a que Carlos d'Almeida, o actor mais engraçado para escudeiros comicos e principes maricas, que ha no nosso theatro, dava um grande realce folgassão.

N'essa magica apparecia entre as coristas uma rapariguita gentil, *espígle*, d'olhos negros, muito vivos, cara expressiva, voz sympathica, hespanholada, garota.

Era a Pepa. D'ali a mezes essa pequenita empastada na massa réles dos coros, destacava-se salientemente n'uma revista de Sousa Bastos—entre parentheses, a melhor revista que temos visto em Portugal—e começou a dar nas vistas, a arranjar uma reputação nas plateas populares, reputação, que mais tarde lhe deu o primeiro lugar na companhia do Principe Real, e que ha mais d'um anno a levou para o Brazil, onde tem feito quebrar cabeças nas plateas, e assassinar a grammatica nos communicados dos jornaes.

D'essa noite em diante comeci a frequentar o palco da Rua dos Condes.

Seis mezes talvez, vivi dentro d'aquella espelunca sombria, e diverti-me extraordinariamente, como só a gente se diverte aos vinte annos.

Havia ali uma *colterie* deliciosa: o José Torres, o empresario mais alegre, mais despreocupado, que tem havido em Lisboa, o Pedro d'Almeida, o gerente, que tinha graças ás pilhas, O Salvador Marques, com as suas distrações continuas, o Sousa Bastos, o Augusto de Mello.

O amor metteu-se logo de górra com esse bando alegre, e dentro em pouco em cada um de nós havia uma paixão romantica e terrivel que nos fazia comer meio beefs no ex-Penim com um appetite devorador.

Era realmente extraordinario esse appetite; o effeito singular do amor nos nossos estomagos. A's vezes havia desgostos enormes, collossaes; tristezas plangentes, despejavamos uns no seio dos outros as nossas confidencias, os nossos pezares, e depois... ai! dos beefs com batatas, do rim grelhado, das costelletas de porco com limão!

Nos intervalos que nos deixavam livres essas paixões, pensava-se então no theatro, faziam-se sonhos e peças, que nunca passavam da nossa cabeça como aquella estatua do escultor da *Fernanda de Sardou*.

O José Torres dava para essas peças idéas extraordinarias. Por exemplo:—Arranjar uns elephantes de gutapercha, que tinham apparecido ha pouco em Paris, e que cheios de vento, se despejavam, se dobravam e podiam-se metter debaixo do braço, destapando-lhe o buraco por onde entrava o ar.

O heroe da peça luctava com o elephante enorme, de repente sobrepujava-o, despejava-o do ar, e mettendo o pachiderme debaixo do braço dizia para a platea:

—Sempre é uma coisa luctar com um elephante!

O José Torres tinha muita confiança n'esta situação que elle inventava todos os dias, todos os dias nos contava e com que nós riamos a bandeiras despregadas. E a peça do elephante nunca se fez!

Por esse tempo fez-se no theatro da Rua dos Condes uma partida collossal que podia muito bem ter custado um par de facadas, porque não era para graças o editor da pessoa a quem ella se fez, e que hoje coitado, já dorme o grande somno.

Uma actriz que tinha umas grandes pretensões a cantora, e ainda bem, porque no fim de contas não tinha outra coisa, fez o seu beneficio.

N'essa noite nós todos ficámos com o camarote de boca. Um de nós, não me lembra já qual foi, teve uma idéa diabolica. Pediu a um actor notavel uma grande corôa de loiro e bagos d'oiro, e á noite collocou-a no camarote, na parede fronteira ao palco.

Mal o panno se levantou, quem estava em scena, viu logo a corôa que era realmente de espavento.

A beneficiada chegou, muitas palmas, na platea, muitas palmas no nosso camarote.

Ella olhou para o camarote, e a primeira coisa que viu foi a corôa.

Um de nós tirou-a do seu prego, a corôa andou de mão em mão, como quem vae para a atirar, mas todos dissemos, em voz alta, de modo a ser ouvida:

—Não, não, por ora não, logo, logo é melhor.

No fim do acto ovação á beneficiada.

Ella não despregava os olhos do nosso camarote. A corôa tornou a passar por todas as mãos e voltou ao seu prego.

—Ainda não, ainda não! Logo.

Descem o panno.

O segundo acto começou, todas as vezes que havia palmas, a beneficiada olhava para o nosso camarote dizendo consigo:

—Agora vem a corôa!

A corôa passava por todas as mãos e voltava para o seu lugar.

E assim durante toda a peça.

No final, a grande ovação.

—E' agora, é agora, pensou a beneficiada.

Todos nós em pé, pegámos na corôa... e trouxemos-a para casa!

Tudo isso acabou já. Passou a idade em que se fazem estas partidas, e passou o theatro em que ellas se fizeram.

Palavra d'honra temos saudades d'ambos.

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

Em Anvers

Elles lá chamam-lhe assim. Nós é que temos, ás vezes, o capricho de lhe chamar Antuerpia, para ostentarmos a opulencia da nossa erudição.

Nós sabemos que nas margens do Escalda houve uma povoação primitiva, com o nome de *Antwerpen*; mas a questão ethymologica não pára ainda aqui! Porque é que o *castrum*, outr'ora habilitado pelos ambivaritas, e que depois, no seculo IX, quando os normandos o vieram assolar, já estava promovido a *oppidum*, porque é, dizemos, que esse povoado houve o nome de Antwerpen?

Uns dizem simples e prosaicamente que o nome provém de *aen't wer*? ou sitio de desembarque,—estes devem ser por força os realistas; outros mais romanticos, derivam aquella denominação de uma lenda, poeticamente selvagem, e fundam a ethymologia em *hand werpen*, mão arremessada, citando como argumento o brazão d'armas da cidade, onde, ao lado de um castello, se vêem duas mãos decepadas.

Mas, porque estão alli aquellas mãos? porque razão podem ellas contribuir para a origem do nome da cidade?

Eis-nos no dominio lendario dos gigantes! Um d'elles, por nome Antigon,—mesmo um nome feio de gigante feissimo!—estabelecera-se nas margens do Escalda, n'um castello, d'onde dominava o rio, e inventára, para proveito seu, uma alfandega, em que os direitos das mercadorias em transito eram de cincoenta por cento, pagos em genero. Que bom ministro da fazenda se perdeu alli!

Metade da carga para o gigante parecia porém duro aos negociantes, que já, a esse tempo, seguiam a escola da liberdade de commercio, e ás vezes faziam seu contrabandosinho, ou roubando generos á fiscalisação aduaneira, ou illudindo-a sobre o valor ou quantidade das mercadorias, dadas ao manifesto. Tal qual como se faz ainda hoje em dia!

Ora o gigante, que não dispunha de numerozo pessoal alfandegueiro, tinha de fiscalisar elle proprio, por sua conta... e risco dos contrabandistas.

Se n'estes havia, como actualmente, o mesmo intento de illudirem o fisco, o que não era o mesmo do que actualmente, era o regulamento penal promulgado por Antigon, o qual, além de apreender toda a carga dos barcos que não pagavam religiosamente o imposto, cortava a mão direita do delapidador da fazenda publica,—ou, queremos dizer, da sua fazenda particular.

Este vicio das phrases feitas do jornalismo politico produz enganoso, que nos apressamos a corrigir, para que se não pense que o audaz Braban tivesse

sido um revolucionario, que se insurgisse contra os direitos legitimos, insertos em lei votada pelo parlamento e sancionada pelo rei Antigon. Nada d'isso! O que o tal Braban ou Brabon foi, foi um punção, que leu talvez a biblia, na sua meninice, e ficara encantado com a proeza de David. Metteu-se-lhe pois em cabeça dar cabo do Goliath das margens do Escalda, e se bem o pensou, melhor o fez, apesar de não ter mais do que a estatura regular dos miseros mortaes, havendo sido dispensado, por falta de altura, de assentar praça no regimento da sua terra, onde é provavel que houvesse já a esse tempo o serviço obrigatorio.

Vencido o gigante, o vencedor achou pouco applicar-lhe a pena de Talião, e aggravou-a. Pena de re-Talião é que foi! Antigon cortava a mão direita; pois bem! a elle cortavam-se-lhe a direita e a esquerda e ficava justiça feita!

E as duas mãos enormes do condemnado, atiradas ao rio, davam o nome e o brazão de armas a cidade; ao passo que o heroe consentia em dar o seu proprio nome a região, assim desembaraçada por elle de tão exigente alfandega.

Eis a origem do Brabaute e a de Antuerpia ou de Anvers, como quizerem.

E deixamos isso ao gosto dos leitores por uma razão: N'esse tempo ainda o sr. Barbosa Leão não tinha inventado a sua orthographia sonica; os mestres de meninos não teriam talvez idéas muito fixas sobre a prosodia, e ensinariam os discipulos a pronunciar a capricho, muito mais se é que tinham um estipendio tão caprichosamente exiguo como os nossos actuaes professores, que não podem ter opiniões solidas, quando tão pouco solida têm a alimentação, e que, em questões de rigor, só conhecem a... da dieta.

Ora se uns accentuavam mais o *t* de *aen't werp*, e faziam vogal do *ie*, ahí temos justificada a preferencia dada a *Antuerpia*; se outros comiam aquella consoante e faziam do *ie* a inflexão de *e*, aqui temos preferida justificadissimamente a denominação de *Anvers*.

Mysterios da lingua flamenga, que ainda havemos de profundar, um dia, quando estivermos dispostos a tirar encarte de massadores.

Mas seja como fór.—Anvers ou Antuerpia,—o que é facto é que o viajante, que acaba de admirar os fertes e verdejantes *polders* da Hollanda, entrando n'aquella região arida do territorio belga, que se chama a Campina, contemplando aquellas planicies, já sem o ridente aspecto de allombras infindas, como as dos campos neerlandezes, sente uma satisfação inexplicavel, ao ver surgir-lhe de repente, na margem de um rio formoso, a cidade seductora, que para os militares offerece os encantos da sua gloriosa tradição guerreira, affirmada por tantas provações dolorosas e heroicamente supportadas; para os commerciantes offerece os attractivos do seu porto magnifico, coalhado de navios da sua actividade febril em sulcar os mares, e das suas vicissitudes de riqueza e decadencia, ao sabor dos tratados, que ora facultaram, ora impediram a navegação do Escalda; e para os artistas, para os admiradores do bello, para os homens que sentem palpar o coração mais apressado ao contemplar uma obra prima da arte, offerece as fascinações, com que o pincel magico e fecundo de Rubens, mais do que o de todos os outros pintores da escola flamenga, a enriqueceu.

Chegados a Anvers, logo a erguida torre septentrional da igreja de Nossa Senhora, uma das mais formosas da Belgica, e que se divisa ao fundo da nossa gravura, parece, lá da amplidão do espaço,

aonde se levanta orgulhosa, saudar o viajante, com aquella graça excepcional da falta de symetria, visto que a sua parceira do lado meridional nunca foi acabada, e se conserva apenas a altura da primeira galeria.

Foi seguramente um sentimento artistico, que determinou aquella extravagancia de permanecer incompleto, por mais de tres seculos, monumento tão primoroso.

De um inglez colleccionador se conta que, possuindo um exemplar rarissimo de conchiologia, e sabendo que só outro e igual era conhecido no mundo, o comprou por somma fabulosa... para o despedaçar!

Se a segunda torre da cathedral de Anvers estivesse concluida, a fazer symetria com a primeira, deveria destruir-se, para que esta ficasse valendo mais!

Deixemos porém a admiravel igreja e a sua torre unica, e vamos pedir hospitalidade ao hotel Saint-Antoine, um dos mais notaveis da cidade, situado quasi entre as duas praças principaes, a *place de la Mer* e a *place verte*, que a nossa estampa representa, e onde se admira uma estatua collossal de Rubens, o genio protector, o orago, o ancilio e o palladio de Anvers.

Nós vinhamos de admirar Rembrandt, a energia, a força, o vigor, tornados luz, traduzidos em côr, feitos vida ao sópro ardente do grande genio da escola hollandeza; e por isso instigava-nos a natural curiosidade de conhecer o mais levantado ênulo da sua gloria, o seu visinho de ao pé da porta, o rival que mais pontos de contacto pode ter com elle, o mais grandioso vulto da escola flamenga, que ahí viveu e floresceu, quasi paredes meias com a hollandeza; e sob esta impressão, mal chegámos a Anvers, preferimos involuntariamente o nome de Rubens.

O creado do hotel, que melhor se entendia com o seu flamengo do que com o francez, só vulgar mais para o sul da Belgica, emendou-nos logo, dizendo que provavelmente queriamos fallar de Rubini.

De Rubini? Pois os barbaros chrismariam o glorioso pintor diplomata? Pois, esquecidos de que elle, posto que tivesse por berço a cidade da Colonia, considerára sempre Anvers como sua patria adoptiva, queriam italianisar-lhe o nome, desconhecendo quicá o verso do Victor Hugo

*Le diable pour tromper prend un nom en i?*

Que significava aquella profanação? que significava aquella *Rubini*, que nos soára tão mal ao ouvido?

Cosa muito pouca, como depois reconhecemos. A casa, outr'ora habitada pelo genio da pintura flamenga, posto que reconstruida, na rua que tem o seu nome, e ainda consagrada a memoria d'elle, e na frontaria tem uma dedicatória em latim, na qual o nome do poeta foi regido pela lei das declinações, como qualquer appellativo humilde, e posto em dativo: *Pietro Paulo Rubini*... etc. Ora o povo que não sabe a lingua de Horacio, imagina que dá uma prova de bom-senso guiando-se pela inscripção commemorativa; e d'esta arte, converte o nome de Rubens, esse nome, que enche o universo, n'um Rubini alambicado e ridiculo, que é de fazer arripiar o nervo acustico da gente.

Em Anvers, Rubens, como um verdadeiro deus, está em toda a parte: na rua, na praça, no templo, no museu. O seu nome enche toda a cidade, e as suas obras primas, religiosamente guardadas ahí, enchem de admiração todos os forasteiros.

A gravura, a que nos estamos referindo, obriga-nos a não fallar senão da *place verte*; e o espaço de

que dispomos não nos deixa penetrar na cathedral de Nossa Senhora, que allia a belleza architectonica o condão de ser ella mesma, como quasi todas as igrejas da Belgica, um museu de telas preciosas. Tampouco nos deixa a disposição da gravura dobrar a esquina que lhe esconde a frontaria, para ahí admirarmos o celebre poço de Quintino Metzys, o ferrador de Anvers, aquelle de quem diz o epitaphio:

*Cumbulatis amor de muliere fecit Appellem*

E se nos não é licito entrar na igreja de Nossa Senhora que estamos vendo, nem sequer para fallarmos dos tres celebres quadros de Rubens, *A Assumpção da Virgem*, *a Elevação da Cruz*, e *a Descida da Cruz*, e da curiosa historia da sua composição, ainda menos podemos, nem de fugida, ir até a igreja de S. Thiago, ver, atraz do altar-mór, o tumulo do insigne pintor, n'aquella capella, onde se admira o seu quadro *A Sacra familia*, que é, nos accessorios, um verdadeiro quadro de familia... mas da do proprio Rubens, o qual retratou ahí seu avô com um menino pela mão, seu pae sob a figura de S. Jeronymo, e a si mesmo sob a de S. Jorge, tendo ao lado as suas duas mulheres—de Rubens e não de S. Jorge—Martha e Magdalena, além de que, ó profanação sublime do amor! a Virgem é o retrato d'aquella celebre dama de chapéu de palha, por quem o pintor esteve apaixonado e que lhe serviu muitas vezes de modelo.

E se nós podessemos entrar no museu de Anvers! De que encantadoras impressões teriamos de dar conta aos leitores!

Mas o tempo foge, o artigo vai longo, a *place verte* prende-nos; a estatua de Rubens, modelada em bronze por Guilherme Geefs e inaugurada em 1840, está chamando a nossa attenção, como um verdadeiro primor artistico, n'uma formosa praça, de uma das mais formosas cidades do mundo.

E talvez os leitores quizessem que lhes fizessimos a descripção d'esta estatua. Pois não! Olhem bem para ella, contemplem-na na gravura, admirem-na alli; se é que não preferem antes metter-se no comboio em Santa Apollonia, e irem como nós fomos, até Anvers, ou Antuerpia.

Do nome não fazemos questão. Só lhes aconsellamos a que empreendam a viagem, e que nos digam depois se a estampa mente, ou se nós mentimos!

Creiam que, por muito pouco desenvolvido que tenham o sentimento artistico, não se hão de arrender!

A. M. DA CUNHA BELLEM

Jan Klaas

O grotesco personagem Jan Klaas é uma *contrafação* do *pulcinello* napolitano. Até n'isto a Belgica fazia *contrafação*.

Com que prazer, com que ruidosa alegria assistem as creanças aos burlescos debates d'esse comico de farga ora com o gato do seu amo, ora com o commissario, sempre levando uma sova como desfecho obrigado.

O que mais excita a hilaridade da infancia é a sua dupla corcunda, o seu chapéu de bicos, as suas pernas deslocadas, o tom agudo com que narra as suas partidas, as suas travessuras e as suas proezas pela voz da pessoa que é encarregada de o fazer manobrar e fallar.

Vêmol-o na gravura dando-se em espectáculo, não na praça publica e em presença d'uma multidão ruidosa, mas na intimidade da familia e tendo apenas um auditorio restricto. A rapariguinha e o

rapazito parecem gostar immenso de escutar o *bo-niment* eternamente o mesmo, que Jan Klaas lhes impinge do alto do seu theatro, em quanto o pequenino de physionomia consternada se conchega, cheio de medo e terror, ao seio da mãe. Como variante foi o commissario substituido por uma mulher de que

#### Os Vampiros

Que terriveis idéas não desperta este nome! São uns entes lugubres e pavorosos, que vivem do sangue alheio, como as pulgas, e que, ainda depois de mortos, conservam esse horrivel fadario. E coisa singular! Sabem como se conhecem essas individua-

e, se o vinho não é positivamente vermelho, devemos lembrar nos que os francezes ao nosso vinho tinto chamam *vin rouge*, o que litteralmente quer dizer vinho vermelho, parece que essas creaturas que se fartam de sangue, que é vermelho devéras, deviam ter o nariz—enfim transijámos—pelo menos



JAN KLAAS

Jan Klaas depressa deu cabo, e em vez do gato tradicional é um urso pequeno que espera rosnando o seu antagonista.

Ah! Polichinello encontrou d'esta vez adversario mais serio do que o bichano que ella costuma esfarrapar. Este delicioso quadro, de que é auctor o sr. Cap, pertence a sua magestade o rei dos belgas.

lidades sangui-sedentas? Pela sua pallidez cadaverica, pela ausencia de sangue! Não lhes presta o que bebem, ao que parece.

Da mesma fôrma que um beberão se conhece pelas côres vermelhaças que ostenta na face, pelo nariz florido e rubicundo, signal da quantidade de liquido vermelho ou coisa assim que elle engurgita,

roxo. Pois não senhores, são pallidas como a morte, de uma pallidez funerea, de uma pallidez mate, e sem os minimos reflexos da côr da sua bebida predilecta. Parece que bebem sangue branco, os taes vampiros!

Então eis o que diz a lenda, allemã já se vê, porque as lendas d'este feitio nascem n'esse paiz ma-

ambusio, patria do cachimbo, da cerveja, das operas de Wagner e da philosophia de Schopenhauer, diz pois a lenda que essas creaturas fataes se levantam de noite e vão chupar o sangue quasi sempre das crianças, e vão n'isso de accordo com as bruxas que tambem se entregam a esse divertimento.

*willis* dançam na encruzilhada das florestas, quando os mochos piam na rama dos cyrestes pontegudos, quando a lua branca e nevada envolve no manto da sua luz as loisas tumulares, levantam-se do sepulchro, revestem outra vez fórmas humanas, e ellasahi vão para a pandega, para a bebedeira.

doso e rubro é que elles querem ainda, ainda e sempre, o sangue dos meninos. Como se ha-de apagar então a sêde inextinguivel d'estes infernaes bebedores? De um modo bem simples. Pega-se n'um ferro em brasa, vai-se ao cemiterio, abre-se o caixão, não se deixa a gente embarçar pelo aspectto des



A CARIDADE

Mas as nossas bruxas, ao menos, quando morrem, vão para o inferno, andam com Satanaz ás cavalheiras, fórman emfim a cõrte infernal do rei das trevas, mas os vampiros esses sim, estão já descarnados, estão em esqueleto, e ainda conservam os seus appetites ferozes, e à noite, à meia-noite, quando as

Porque é que ellas continuam n'esta vida? Para que precisam elles de sangue alheio se já o seu se congelou nas veias? Para quê? Porquê? Oijam.

E' porque debaixo da ossea armadura do seu peito continua a ver o seu coração, o seu coração vermelho, e ensanguentado. Para esse coração despice-

carnado do cadaver que alli jaz, e com o ferro escandescente procura-se atravez dos ossos o coração ainda quente e enterra-se-lh'o allamnejar nas fibras avermelhadas. Um pouco de fumo, e gaz, acabou-se o vampiro, e deu-se cabo de vez d'esse piteireiro posthumo, que ainda depois de ir para o cemite-

rio entendia que devia tomar a sua carraspana com o quentinho licor das nossas veias.

Irra! como isto é allemão! como a gente se sente nos paizes das danças da morte! como isto é lugubre e germanico, patricio de Hoffmann e de Achim de Arnim! Junto d'estes vampiros as nossas bruxas são umas santas mulheres, uns entes inoffensivos e bons calunniados pelas tradições populares.

Mas onde é que estão os vampiros? pergunta o leitor espantado, olhando para a gravura que este artigo acompanha. Já lh'o dizemos. No artigo até agora estão os vampiros da lenda, na gravura acham-se os vampiros da realidade. São elles uns pobres morcegos, feios como o diabo, isso é verdade, do tamanho de uns coelhos, com um pello acastanhado, e umas azas enormes relativamente. A lingua tem umas protuberancias ossudas que lhes servem para abrir na pelle das suas victimas uma torneira para se regalarem com o sangue, que effectivamente chupam quanto podem. Mas, para se descartarem d'elles, os viajantes não tem mais que fazer do que arrumar-lhes com uma bota se querem simplesmente fazel-os fugir, ou ferrar-lhes um tiro, se querem tirar-lhes para sempre a vontade de tornarem a caça.

São pois esses vampiros os que vôm na gravura, em quanto um dos viajantes adormecidos, que elles iam surpreendendo, se prepara para a resistencia. A espingarda que elle tem ao lado tranquillisa-nos completamente acerca do resultado do ataque, e é de esperar que os outros companheiros seus tenham que se defender contra essas sanguessugas aladas, porque uma boa descarga vai pôl-os inevitavelmente em fuga.

#### A Caridade

Cá nos achamos de novo em frente de uma das virtudes theologaes. D'esta vez porém temos a descripção completa. Basta-nos para isso irmos arrancar uma flôr a grinalda poetica de Thomaz Ribeiro. Querem um commentario para a gravura que lhes damos! Oçam:

Do pobre ao rico ha distancias  
cortadas por muito abysmo,  
que a sorte, ou quem sabe? o egoismo  
de espaço a espaço afundou.

Salva-os com aéreos passos  
meiga virgem da Piedade.  
Chamou-lhe Deus Caridade,  
e o mundo o nome exalçou.

A' noite a virgem modesta,  
a casta filha de Deus,  
furta-se aos hymnos da festa,  
e, envolta em candidos véus,

desce a escada sumptuosa.  
Mãe aos maus, irmã dos bons,  
lá vae levar carinhosa  
a toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa,  
como a aragem matinal,  
velho que triste agonisa  
na enxerga de um hospital.

Sai; busca afflicta viuva  
na sobre-loja sombria,  
e aperta, na mão sem luva,  
mão pobre, eugelhada e fria.

D'alli, sobe a estreita escada,  
são-lhe guia afflicto ais,  
e encontra na agua-furtada  
filhos nus, famintos pais,

e leva esmola e carinho  
ao casal desventurado,  
que foi armar o seu ninho  
entre os musgos de um telhado,

imitando o que entre flôres  
faz o amante rouxinol,  
que só conta os seus amores  
à noite, às auras e ao sol.

Onde assoma o transparente  
sendal da candida fada,  
tudo é formoso e ridente  
como os prismas da alvorada.

As rugas caem das frontes,  
os prantos fogem dos olhos,  
as rochas abrem-se em fontes,  
brota o lyrio entre os abrolhos.

Se descerra os purpurinos  
labios de finos rubis,  
suas palavras são hymnos  
que Deus acceita e bemdiz.

C'róa de mysticas flôres  
lhe entretece a loira trança,  
nos olhos riem-lhe amores  
n'alma a fé, no seio a esperança.

E quando enfim desaparece  
nos infelizes da terra,  
e apoz a nocturna prece  
poisa a face e os olhos cerra,

velam-lhe o leito os carinhos  
que ella deu a tanta dôr,  
as preces dos pobresinhos,  
e á cabeceira o Senhor!

Ahi têm pois o que é a Caridade, magistralmente descripta por Thomaz Ribeiro n'uma das suas mais esplendidas poesias.

P. C.

## LIVROS E THEATROS

### II

(APONTADOS)

Para mim, que sou mais diletante do que artista, seria d'uma grande responsabilidade metter-me á analyse detalhada de todos os livros, que, gentilmente, me offerecem e que, n'este momento vejo agglomerados sobre a minha banca, esperando, talvez, que eu exerça sobre elles todo o processo anatomico d'uma critica severa.

Citações pedantes sorriem-me dos seus retabulos para que eu lhes pegue com os bicos da minha pena e os colloque aqui e ali, o mais graciosamente possível, conforme o logar e a luz, como fazem os colleccionadores de velhas preciosidades.

Uma prosa cheia de pompas, de pedrarias scintillantes, o mais coquetamente preparada, reclinasse nos braços, provocando-me á aventura perigosa de desalivellar o *corsage* de algumas d'essas obras, desnudando-as petulantemente, rolando-as sobre os dedos, verificando se debaixo das suas capas extravagantes e doiradas se esconde um corpo são, de peitos rijos, musculatura de aço, ou se tudo aquillo é uma impostura ridicula, uma formosura de contrabando, falsificada, com utceras e algodão, má

limpeza e mau alimento, semelhante a essas elegancias baratas que dançam nas assembleias chinfrins e palestram nos saguões mal cheirosos.

Eu curvo-me, respeitosamente, diante de todos esses adoraveis trabalhadores, dobrando tanto a espinha como o galanteador antigo, de rabicho e tricorneo, se curvava aos pés da sua duqueza favorita.

Para todos eu tenho um agradecimento, tão docemente phraseado, como se se tratasse de agradecer uma valsa á mulher mais bella do mundo elegante.

Perde-se tanto tempo por ahi fóra a ver passar a namorada preguiçosa que sae de casa ás horas em que nós voltamos esfallados das nossas officinas democraticas, tanto tempo a parar defronte das *vitruines* a ler as ultimas brochuras, a cavaquear com os amigos que se grupam e arrancham á má lingua sobre o folhetim da vespera ou sobre a mulher que passa, a ver as criancitas burguezas que atravessam desconfiadas, a multidão do Chiado, córando como quaesquer ingenuas de comedia que pela primeira vez se apresentam no palco; as heroínas que, dentro de fatos apparatusos, sorriem para os seus admiradores voluptuosos; as esposas de duques e de banqueiros que, do fundo dos seus carros, saúdam n'uma *nonchalance* provocante... E depois, este ceu sempre limpo, este clima sempre bom, impede-nos tanto de ficar em casa, a nós, meridionaes, que tanto gostamos do ar, da luz, da liberdade... Ah! como nós somos ralaços... Como nós deixamos passar a vida atravez das nuvens de fumo d'um cigarro, reclinados n'uma boa cadeira, vendo o sol esgueirar-se todas as tardes e nunca o vendo apparecer todas as manhãs... Sabe tão bem todo este *far niente*... E, todavia, temos sobre esse habito de não fazer de nada theorias tão philosophicas, tão bellos projectos; amanhã em chegando o inverno; agora quando acabar o verão... e o tempo passa, passa, afiando a sua foice, cortando-nos a vida, abrindo-nos a cova para ali nos arremeçar como inutilidades...

Quantos artistas, nascidos no abençoado torrãozinho, têm por systema maldiser o publico? Isto é um publico que não protege a arte! dizem elles, e viram-se para o outro lado aconchegando a roupa, fechando os olhos e dormindo tranquillamente, com sonhos azues, brancos, de côres as mais bellas, as mais caprichosas. Depois levantam-se, quando o sol já vae descendo e as rosas vão esfriando, almoçam tarde, peraltam-se, embonecam-se, flanam um bocado pelos sitios da moda, cavaqueiam sobre o jogo, as mulheres, o ceu, o Tejo, os artistas... Ah! coitados d'esses, exclamam, artistas n'um tal paiz e com um tal publico... morre-se de fome. E depois de cearem em *restaurants*, de percorrerem theatros, de se encostarem ás esquinas, voltam para casa com muito somno e muita descrença porque... Maldito paiz! que publico! que publico!... e aconchegando de novo a roupa, rebolam se para um lado e para o outro á espera d'um somninho feliz, descansado.

E já a cerrarem-se-lhe as palpebras, convencem-se de que não serve de nada o talento a um homem n'este cantinho occidental, onde a larangeira tem o seu mais fino aroma, o horizonte o seu mais limpi-

do azul e os rouxinoes mais livremente esvoaçam cantando serenatas ao luar.

Eu entendo que, se metade da culpa é do publico, outra metade é do artista que, facilmente, desespera, que não trabalha, que não se impõe.

Temos sempre para aquelle uma *blague*, quando se falla em arte, esse publico que não convida de preferencia para os seus salões o quadro, o theatro, o livro e recebe nas palminhas o *petit-maitre* lulano que dirige o *cottillon* com engraçadissimas marcas, ou o analfabeto cicrano a quem ninguem excede na valsa a dois tempos.

Se o publico, em geral, é ignorante, o artista em geral é um tanto ralaço. E se eu posso merecer um pouco este *comprimento*, mettam-me na conta, ponham-me a carapuça.

Acceito-a.

Uns certos sujeitos de todas as especies e feitios, felizmente com bellas excepções, geralmente da parte dos mais importantes, têm para o nosso publico, para a nossa critica e para o nosso jornalismo palavras desdenhosas toda a vez que suas excellencias não são guindados bem alto, bem alto, por onde sómente as aguias arriscam os seus vôos.

Se o publico applaude, delira, solta hurrahs e arranca as suas violetas da *boutonniere* para as lançar aos pés da divindade que o fascinou, esse publico é intelligente, honesto, tem folha corrida e bem merecia que os ministros d'elle se lembrassem. A critica consagra-lhe phrases perfumadas? que hem feita é a critica! E critica e publico são cumprimentados como duas magestades respeitabilissimas. Mas nem um nem outro gostou, ambos reprovaram, ambos patearam, maldisseram, essa critica e esse publico não passam d'uns invejosos, d'uns asnos, cheios de pedanteria e de mau senso.

Infelizes dos que assim pensam, d'aquelles que apanham, agradecidos e commovidos, as grinaldas que lhe atiram, e zombam quando esses mesmos lhe notam um defeito sequer.

Ha-os e muitos. A culpada tem sido a critica, a critica toda banalidade e elogio, que raras vezes aprecia desapassionadamente, que nem sempre tem a coragem precisa para dizer o que sente ao dramaturgo que lhe impinge uma leitura de seis actos maus, ao actor que se desequilibrou n'um papel, ao poeta que errou os seus alexandrinos, a tudo, a todos...

A critica que vivia com honras de sacerdotisa passa a ser uma corteza arrastando joias todas falsas, sorrindo falsamente para todos.

Assim, quando mais tarde a historia dêr o seu balanço, ficará pasmada de tanta celebridade que floresceu n'esta epoca e que tão pouco produziu.

Decididamente sinto ás vezes uns formigueiros de patriotismo que me faz suppôr que, quando eu nasci, as phylarmonicas do meu paiz tocaram um unisono do hymno da restauração. Se um estranho impertinente desata as suas ironias sobre a minha amada patria, que, naturalmente, possuirá os meus ossos, sinto-me capaz de dizer á *Historia* que se paramente e vá por esses mundos cantar as nossas façanhas, e de

pedir ás nuvens que gyram la em cima que não se poupem a afirmar que este paiz não é um covil de selvagens ou um hospital de idiotas.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

## UM ACTO DE DESESPERO

POE

Mery

(Versão portugueza de Julio de Magalhães)

II

(Continuado de pag. 366.)

Celestino e Xavier gosavam do beneficio de uma segunda vida. Podia bem dizer-se que, mortos uma vez, haviam resuscitado milagrosamente. Aquelles dois Lazaros da marinha franceza tinham adquirido em Dublin, principalmente entre o povo, uma justa celebridade, em razão do seu suicidio frustrado, o qual denunciava n'elles uma rara coragem, e uma organização verdadeiramente energica. Todavia a admiração, de que eram alvo, e que haviam conquistado nas agoas do Liffey, era perfeitamente estéril para elles, pois que não lhes restituia o seu muito notavel museu, nem a enorme fortuna que esperavam possuir ao cabo de cem exhibições.

O scheriff tinha-lhes dito paternalmente:

—Lançae-vos ao trabalho, meus filhos, e ganhae o vosso pão... Vereis que a felicidade é ainda possível para vós no mundo...

E realmente o scheriff tinha razão. O homem de trinta annos, que possui dois braços robustos e vigorosos, encontra sempre ensejo de ganhar o pão de cada dia. Mas a verdade é que Celestino e Xavier, dando ouvidos a um raciocinio falso, se haviam collocado fóra da esphera dos deveres da lei commum. Tinham trabalhado e soffrido muito desde a idade de dez annos; a preguiçosa e descuidada immobilidade da presiganga tinha-os enervado, e as obras primas, produzidas pela sua admiravel aptidão artistica, não podiam de modo algum dar energia e actividade aos seus musculos. Pelo contrario, aquelle trabalho de fazer bordados sobre madeira tinha-os tornado efeminados e improprios para um qualquer labor viril. De mais a mais, caminhando de conjectura em conjectura, haviam chegado á persuasão de que o incendio do seu precioso museu não fóra um acontecimento casual, mas sim um crime, premeditado pela inveja ou pela vingança, em prejuizo de dois francezes. D'este modo julgavam ver em cada tranzeunte inoffensivo o feroz incendiario, o destruidor da sua fortuna, o assassino das suas esperanças...

Os dois marinheiros, depois de haverem lançado uma vez a vida á voragem das agoas do Liffey, e julgando-se por esse facto desobrigados de todos os deveres, e isentos de toda e qualquer punição humana, combinaram um plano infernal contra a cidade de Dublin, que os condemnara aos supplicios do fogo e da agua.

—Escuta, Xavier, disse Celestino ao seu companheiro!

—Sou todo ouvidos, Celestino, respondeu Xavier.

—Quando era criança ainda, ouvi contar a bordo a historia de um negociante de Marselha, que nunca mais me esqueceu. Chamava-se Roux esse negociante, e tinha tambem, como nós, razões para se queixar dos inglezes. Era rico, a ponto de poder empres-

tar muitas vezes avultadas sommas de dinheiro ao rei Luiz XVI. Não sabia o que tinha de seu; se quizesse escrever a importancia das suas riquezas, teria de enfileirar zeros adiante do algarismo 1, até lhe ficar cançada a mão. Possuía uma frota de vinte navios mercantes, e não sei quantos corsarios. O rico negociante, vendo que Luiz XVI se não decidia a castigar os inglezes, declarou guerra por sua conta e risco ao rei da Gran Bretanha. A carta, em que annunciava o rompimento das hostilidades, começava assim: Eu Roux I, a Jonge III. Estava pois na devida regra a declaração de guerra, e Roux I começou desde logo a fazer um grande mal aos inglezes. Passado porem algum tempo o rei de Hespanha e Luiz XVI intervieram como medianeiros entre as duas potencias belligerantes, e por fim foi assignado entre ellas um tratado de paz.

—Não era ignorada por mim essa historia, camarada, replicou Xavier. Vejamos que applicação pôde ella ter para o nosso caso.

—Não comprehendes a minha ideia, amigo?

—Comprehendo-a, mas muito confusamente. Põe os pontos nos ii, camarada.

—A minha ideia é imitar o procedimento do meu compatriota Roux I. Declaremos guerra a Dublin.

—Declaremos.

—A nossa posição é muito melhor do que era a de Roux I, visto estarmos já dentro da praça, contra que vamos romper as hostilidades.

—Até mesmo podes dizer, que estamos no coração, nas entranhas do inimigo.

—Se o inimigo se recusar a satisfazer as contribuições de guerra, que lhe impuzermos, adoptaremos contra elle o mesmo procedimento, que elle teve connosco em Aboukir: fal-o-hemos voar pelos ares. Será isto justo, Xavier?

—Justissimo, Celestino. Quando hontem me communicaste o teu plano ainda mal definido, e sem desenvolvimento, dei-te sem hesitar a minha approvação inteira e completa. Deveremos tomar de renda, disseste tu, um primeiro andar em *Sakeville-Street*...

—Exactamente.

—Muito bem! tripularemos o navio *Sakeville*, e bater-nos-hemos contra o navio *Dublin*. Travaremos em terra um combate naval... Quando verificaremos a declaração das hostilidades, Celestino?

—Logo que estejam promptas as nossas baterias... Amanhã.

—Seja amanhã. Estou já ardendo em desejos de fazer o meu quarto a bordo do *Sakeville*, ancorado entre duas propriedades urbanas! Mas receio soffrer do mal de terra... Nunca naveguei no continente...

—Camarada Xavier: dois homens que, como nós, já morreram uma vez na sua vida, devem habituar-se a tudo. Escuta attentamente o que vou dizer-te. Approvaste já o meu plano na generalidade, camarada; agora vou fazer-te saber os seus detalhes resumidamente. Compraremos pequenas porções de polvora aqui e ali, em Dublin, para não excitar desconfianças, e conseguiremos assim reunir a quantidade necessaria para encher um bom barril; eis a principal base da nossa empreza. Arrendaremos um primeiro andar em *Sakeville-Street*, situado entre as repartições do correio e a excellente fabrica de pannos de Ricardo Schwab; a posição é soberba, visto que occuparemos assim precisamente o centro do mais rico e populoso bairro de Dublin. Estaremos portanto habilitados a incendiar toda a correspondencia da Irlanda, uns poucos de milhares de pannos, e todo o bairro de *Sakeville-Street*. Amanhã a noite deveremos affixar nas esquinas das ruas um cartaz concebido nos seguintes termos:

## AOS HABITANTES DE DUBLIN

«Os dois marinheiros francezes salvos das aguas do Liffey declaram guerra à cidade de Dublin.

«Estão alojados em *Sakeville-Street*, na casa, cuja porta é designada com o n.º 27, e está situada entre *Post-Office* e a rica fabrica de pannos de Ricardo S. hiwab.

«No quarto principal da casa existe um barril, contendo duzentas libras de polvora de primeira qualidade, a que será lançado fogo nos casos seguintes:

«1.º Se os agentes da policia fizerem uma qualquer tentativa para entrar no quarto da polvora.

«2.º Se for preso um dos dois marinheiros, aquelle que passeiar nas ruas de Dublin, visto que durante esse tempo permanecerá o outro com o morrão acceso junto do barril.

«3.º Se não forem entregues aos dois marinheiros todas as coisas necessarias para a sua sustentação e distrações, logo que sejam por elles exigidas.

## O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuado de pag. 376)

No dia seguinte tocou ao Commendador a vez de dar o banquete, e apesar de toda a sua philosophia gosou dentro d'alma por ver que os seus parentes e compatriotas estavam admirados deante do seu apparelho de porcellana, da sua prata e dos outros objectos raros ou bellos, que trouxera de suas viagens, e que tinha mandado adeante com um creado de confiança. Até a estranha physionomia d'este, que era um indio, causava pasmo aos hermejinos, com jubilo e satisfação de D. Fadrique. Teve alem d'isso um prazer indizível em contar as suas aventuras e fazer descrições de paizes remotos, de costumes peregrinos e casos singulares que tinha visto ou em que tinha tomado parte.

que esteve embaixador em Napoles, pediu licença para ir à terra. Quando voltou caçoavamos com elle suppondo que teria contado muitas mentiras. Confessou-nos que sim, e accrescentou com ufania que tinham acreditado tudo menos uma coisa.

—Que coisa? perguntámos.

—Que ao pé de Napoles, respondeu, ha um monte que vomita fogo.

De sorte que bem podia o nosso D. Fadrique, sem apartar-se um apice da verdade, deixar de ser acreditado em alguma coisa, sem que os patricios se atrevessem a dizer-lhe ao mordomo do duque quando lhe fallava do Vesuvio: «Isso é petal!»

Trez dias depois da chegada de D. Fadrique, seu irmão D. José e a familia voltaram à cidade; e então com mais descanço poude o commendador entregar-se a outro prazer não menos grato: visitar e recordar os sitios mais queridos e frequentados da sua meninice, e aquelles em que lhe tinha aconte-



OS VAMPIROS

«4.º Se os vizinhos sahirem de suas casas para os deixarem isolados, e ficarem assim expostos a um qualquer attentado da policia

«5.º Um dos dois marinheiros dará todos os dias um passeio nas ruas de Dublin, do meio dia às cinco horas. São convidados todos os habitantes da cidade a velar pela sua segurança; pois que, se não houver recolhido a casa até as cinco horas e meia, o seu camarada deixará cahir o morrão acceso sobre o barril, e *Sakeville* irá pelos ares, como aconteceu ao navio *Oriente* em Aboukir.

«Os dois marinheiros promettem, sob palavra de honra, proteger dia e noite os habitantes e propriedades de Dublin, se os habitantes de Dublin procederem honrada e generosamente com os dois malaventurados francezes, bem conhecidos na capital da Irlanda.

«(Assignados): CELESTINO — XAVIER.»

(Continua)

Nada d'isto deve fazer com que rebaixemos o conceito, que formamos do Commendador. Por mais juvenil que pareça, uma tal verdade é mais commum do que se julga. Quem não gosta, quando volta à terra de sua naturalidade, dar-se certos ares sem offender pinguem, manifestando quão importante papel desempenhou no mundo?

Não é menor o prazer, que se experimenta em referir lances e successos e em descrever prodigios. D'aquí sem duvida nasce o proloquio: de *longos caminhos longas mentiras*. Basta pois dizer em louvor de D. Fadrique que nunca lhe foi applicavel o annexim, porque era a verdade personificada. O que não affirmamos é que fosse acreditado sempre em tudo o que referia. Os provincianos são maliciosos e desconfiados; costumam ter um criterio a seu modo; e por via de regra as cousas mais exactas afiguram-se-lhes falsas ou inverosimeis, e as mentiras pelo contrario mui conformes com a verdade. Recordo-me de que um mordomo andaluz de certo duque,

cido alguma coisa memoravel. Esteve no Retama e no Llanete, que fica ao pé, onde o escalavraram duas vezes; foi à ponte de Genazahar e ao Pilar de Alijo; subiu ao Laderon e à Nava; e estendeu as suas excursões até o cerco de Jilena e ao monte de Harguesa, povoado então de carvalhos corpulentos e seculares.

Por ultimo, D. Fadrique tomou verdadeiramente posse da sua vivenda, arranjando-se n'ella, porque assim digamos, pondo em ordem a mobilia, que trouxera, collocando os livros e pendurando os quadros.

A estes trabalhos, dirigidos por elle quasi sempre assistia o padre Jacintho, até que finalmente achou-se D. Fadrique alojado commodamente, preparando um retiro a um tempo elegante e rustico, e uma deleitosa solidão na terra, em que tinha nascido.

(Continua)